

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,8200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,8000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Catharina I da Russia

Artigo politico

Depois d'uma existencia tumultuaria, embora pouco productiva, e depois d'algumas prorogações, encerrou-se o parlamento no dia 23 do mez findo.

Quiz o governo ficar mais desembaraçado, para tratar da questão social, que, tendo começado em França e na Hespanha, ameaçava alastrar por todo o reino de Portugal.

Nas ultimas sessões, depois dos dignos pares Visconde de Chancellieiros e general Baracho terem interpellado o governo, por causa da tam fallada insubordinação de infantaria 18, em que o governo se defendeu, com grandes applausos da maioria, opinou o segundo dos interpellantes, tratando da questão operaria do Porto, que só uma arbitragem poderia resolver satisfactoriamente o conflicto. E assim terminou a sessão parlamentar do anno de 1903.

A.

O Concilio de Constança

As linhas, que vou traçar no papel, são em defeza da verdade historica. E esta verdade lança por terra uma falsa accusação que se tem feito ao concilio de Constança, celebrado no seculo XV.

A heresia e a incredulidade, servindo-se d'essa accusação, clamam contra a Igreja, apresentando-a como intolerante, perseguidora, sanguinaria, etc.

O que é triste é que um catholico se faça echo de semelhante accusação, ha muito tempo combatido por varios auctores com a historia na mão.

Ora vejamos:

No *Progresso Catholico*, n.º 11, de 1 de junho do corrente anno, lê se o seguinte:

«Faz 481 annos que foi queimado Jeronymo de Praga, como heresiarca, em 1416. Jeronymo de Praga nasceu em 1378, e foi discipulo de João Huss, que tendo abraçado as doutrinas de Wiclef, foi excommungado pelo Papa Alexandre V, e depois queimado vivo em 1415, por determinação do Concilio de Constança.

Na praça d'essa mesma cidade foi pois queimado o seu discipulo Jeronymo em 1 de Junho de 1416.»

Transcrevi textualmente. Segundo o articulista, João Huss, sequaz das doutrinas do heresiarca Wiclef, foi queimado vivo por determinação do concilio de Constança.

Ora valha-nos Deus! Realmente estou admirado de ouvir semelhante asserção. Se assim é, o concilio de Constança sahiu fóra da esphera do seu poder e commettou um grande erro. Mas será isso verdade?

Não vou agora discutir *ex professo* este ponto historico. Limite-me a transcrever aqui o que ha quatro mezes cubliquei n'um semanario da provincia. E não me é necessario acrescentar mais coisa alguma.

Eis o que eu escrevi na *Estrella Povoense*, de 8 de fevereiro do corrente anno, sob a epigrapha *Variedades Curiosas*:

«Nos principios do seculo XV, celebrou-se um concilio geral na cidade de Constança. Durou quatro annos, desde 1414 até 1418.

Não quero, porem, aqui tratar *ex professo* d'este concilio, mas apenas d'um ponto historico que a esse se refere.

Dizem alguns criticos, principalmente philosophos, que este concilio condemnou á fogueira João Huss e Jeronymo de Praga, como inimigos declarados da Igreja Catholica.

Assim fallam os que desconhecem as leis da justiça e da boa politica. E' falso o que se attribue ao Concilio de

Constança, porquanto elle apenas decretou penas espirituas contra aquelles heresiarchas.

A pena de morte foi dada pelo poder civil.

Toda a pessoa de senso não pôde deixar de approvar aquellas sentenças, pois que João Huss e Jeronymo de Praga, alem de serem herejes e propagandistas de varios erros, eram dois faccinoras, sediciosos, tumultuarios, dois malvados de marca.

Comtudo os sectarios consideram como martyres aquelles dois herejes do seculo XV. E' este o espirito dos impios e revolucionarios, sempre em odio da Igreja.»

Foi isto o que eu escrevi, e que lá vem no semanario da Povo de Varzim firmado com o meu nome por extenso. Como já disse, não é necessario acrescentar mais coisa alguma, porque não pretendo discutir o fundo este ponto, assim como o não discute o articulista do *Progresso*.

Sómente acrescentarei que os apologistas da religião em geral fallam do facto do Concilio de Constança e o referem da forma que fica brevemente enunciado. Nenhum segue o Concilio de se ter excedido na condemnação dos dois impios e sediciosos heresiarchas.

Leia-se, entre outros, o que diz Bergier no seu *Diccionario de Theologia*, Miguel Sanchez, na sua *Historia das heresias*, traz as seguintes palavras: «Jámais se ha conhecido um governo tão cheio de magnanimidade como dos Padres de Constança.»

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Perfeitamente sabia a redacção do *Progresso Catholico* o que o sr. Padre Cruz veio elucidar, e declara que apenas quiz significar que o Concilio de Constança os excommungou, tirando livre ao poder secular poder queimar os por heresiarchas, o que não faria sem aquella auctorisação ecclesiastica.

N. da R.

ESTUDOS

O Santo Sudario de Turim

VII

Interessantissimo é o capitulo que M. Paulo Vignon consagra na sua notavel obra ao exame esthetico do Santo Sudario. Sobre ser uma prova indirecta da genuinidade da mortalha de Christo, é uma bellissima critica d'arte. Resumamol-a, pois.

A arte grega, mesmo na sua grande epocha religiosa e heroica, não conseguiu exprimir a victima expiatoria, voluntaria e sem orgulho, com os seus portentosos Jupiters e Neptunos, que no entanto deixam ver o estylo impecavel dos templos doricos. O Neptuno Farnesio, do museu de Napoles, é d'uma nobreza hirta, com o seu nariz rectilíneo, bocca desdenhosa e impecavel, e cabellos dominadores. O Sophocles, do museu de Latrão, é um bello homem conscio do poder que exerce sobre as multidões avidas da tragedia. No Demosthenes do Vaticano, como no Eschino de Napoles, transparece uma certa renuncia como na bocca seria d'um consolador. Se compararmos, porém, estas cabeças com a do Sudario, vê-se que esta ultima olha mais de cima por detraz das suas palpebras fechadas. A arte grega portanto fracassou.

Vamos á arte christã. Nas catacumbas, o bom Pastor, joven e imberbe, com a ovelhinha ás costas, ou o Orpheu com a lyra, não passam d'um puro symbolo. Só no seculo VI é que apparecem os primeiros Christos byzantinos, podendo servir de typo o de Cephalu, na Sicilia, ou o de Ravenna que mostra bem a sua origem semitica como os retratos antigos achados nas necropoles do Alto Egypto, fructo da civilisação greco-egyptiaca. O pintor dá ao Christo uma expressão vaga e espantada que nos parece um verdadeiro contrasenso; ao passo que os retratos das

necropoles exhibem uma firmeza como convem a um homem de cathogoria elevada, o pintor grego-egypcio não lhe pôde dar uma alma de apóstolo e martyr.

O Christo da igreja da Martorama, em Palermo (seculo XII) como o da capella palatina com o seu perfeito hieratismo bysantino formam um contraste perfeito com o do Santo Sudario. N'elles, o perfil semitico é bem accentuado.

Agora voltemo-nos para o Occidente. O Christo do narthex de Vezelay é ainda archaico, fixa os olhos nos visitantes com modos tranquillios, inclinado para a frente n'uma attitude familiar. O Christo do portico sul da cathedral de Chartres (seculo XIII) tem bem a encarnação d'um apóstolo persuasivo e convicto. Mas o Christo classico é o de Amiens—o *Beau-Dieu* (seculo XIII). N'esta belleza plastica, ha uma excessiva impassibilidade, impropria d'um Deus. A sua bocca só poderia deixar cahir palavras d'uma exquisita pureza, nem mesmo tem a grandeza d'um Mestre ou d'um Propheta. Não mostra a menor analogia moral com o Christo do Sudario; é genuinamente francez.

Dá-se o mesmo caso com o Christo *enseignant* do portal central de Bourges (seculo XIII), o qual parece ser uma copia perfeita do *Beau Dieu*.

Sahindo da arte pura do mysticismo, achamos a languidez e affectação da estatua de apóstolo da antiga igreja de S. Thiago (seculo XIV) que hoje existe no museu de Cluny e que era coeva da epocha em que os Charney fundaram a abbadia de Lirey, ou vemos a fealdade banal do Christo jardineiro (seculo XIV) de Notre Dame de Paris, ou ainda o cúmulo da fealdade barbara do Christo e S. Thomé (seculo XIV) de Lemur-en-Auxois que tem uma bella cathedral. São estas as obras dos contemporaneos do pretenso falsario do Sudario.

Na segunda metade de seculo XIV, apparece-nos então um verdadeiro mestre, André Beauneveu, notavel na miniatura. A estatua funeraria de Carlos V, em S. Diniz, é soberba, mas nas *P tites Heures du Duc de Berry*, os dois velhos, que symbolisam Deus Padre e Deus Filho, são bem mediocres illuminuras de expressão triste e desgraçosa. Não consentiremos, portanto, que se outorgue a Beauneveu a envergadura artistica que seria indispensavel ao auctor do Santo Sudario.

Sahindo da primeira renascença franceza e passando aos primitivos da Italia, lembramos o *Calvario* da igreja superior de Assis, attribuido a Cimabue. Este fresco muito deteriorado apresenta um Christo de formas desproporcionadas, ao passo que os anjos que voam em derredor tem bastanta graciosidade, e até nos grupos dos seus inimigos ha retratos notaveis.

Dá-se o mesmo com a *Resurreição de Lazaro* de Giotto. Aqui, a figura de Christo acha se grosseiramente esquisitada, ao passo que as outras figuras são excellentes.

Em paralelo com o *Calvario de Assis* está o que Duccio de Buoninsegna pintou em Sienna. O grupo dos phariseus apresenta-nos algumas cabeças d'uma força singular, ao passo que as santas mulheres e os amigos de Christo são bem mediocres. O proprio Christo é incorrecto, sem potencia, sem belleza, nem emoção.

Alguns annos depois de Giotto, achamos em Assis um pintor energico e desigual, Thadeo Gaddi. Aqui se vê como uma arte incompleta descamba finalmente na fealdade. Pintou elle um *Calvario* sem accessorios superfluos, somente Christo, a Virgem e S. João. O pintor recorreu a toda a sua technica, de modo que alguns trechos são d'uma verdade empolgante. A figura de S. João sae do commum. Nas mais bellas epochas da arte jámais se encontrará uma expressão mais dramatica, uma roupagem mais expressiva e um gesto mais sincero. A cabeça é d'uma força incrível. Mas já na Virgem, o artista trahi-

se, forçando a expressão de dôr, dando-lhe tregeitos ao rosto. Quanto ao Christo, foi escrupuloso na sua anatomia, mas o conjuncto é repellente. Dir-se-lia o supplicio d'um carreão soez! Este pintor, portanto, copiou bem a natureza, mas assim que lhe foi preciso fechar os olhos para ver uma visão interior, a traducção sahiu-lhe insignificante e mesquinha.

Passamos agora a data fatidica de 1353.

Em França temos o *En'erro de Christo*, da abbadia de Solesmes, cujo corpo é uma bella estatua deitada, de cabeça fria e trivial; ou a *Descida ao tumulo*, de Ligier-Richier, cujo modello está no museu de esculptura comparada e technica, e que é de factura minuciosa, mas o Christo é pesado, de grande face sem irradiação.

O Christo de pedra (seculo XV), que está no museu do Louvre, exprime o instante preciso da agonia, quando a victima exclama ao Pae: Porque me abandonaste!

Ora isto que não foi mais que um episodio diminue o valor da obra por o artista escolher para pintar o rosto de Christo aquelle mesmo momento em que reflecte toda a fraqueza da natureza humana.

O Christo de Van Eyck (1438), do museu de Berlim, é um flamengo impassivel, de fronte desmedida e sobranceiras arqueadas, levantadas muito acima d'uns pequenos olhos fixos. Não se vê n'ello a grandeza tragica; parece antes um sonhador, victima de illusões humanitarias.

Este celebre pintor, na *Descida ao tumulo*, ainda foi mais infeliz. A victima mostra-se morta de cansaço, sem musculos na bacia, nem nas suas pernas de tycicol!

O Christo Salvador do Mundo, de Quintino Metsys, apresenta uma Virgem exquisita e um Christo duro e immovel.

A Sana Face, do museu de Antuerpia, é uma perfeita caricatura. O Christo abençoando é todo luz sem mostras d'aquillo que caracteriza a vida de Christo, o sacrificio.

Os quadros de Zeitblom e Bouts revela-nos a mediocre concepção que faziam de Christo to-la uma multidão de pintores de Flandres e Alemanha, no seculo XVI.

Já com Rubens, Van Dyck e Rembrandt, sobretudo este ultimo nos *Peregrinos de Emauz*, tem elle toda a magestade terrestre que apaga em nós toda a inquietação.

Na escola italiana, Verrochio, d'ella Francesca e Mantegna interpretaram insufficientemente o typo de Christo. O *Christo na columna* de Ghirlandajo é um admiravel athleta vencido, a mendigar piedade! O *Christo morto* de Giovanni Bellini é um Christo profundamente humano e resignado que deu a sua vida com uma infinita tristeza, convencido da inutilidade do seu sacrificio.

Perugino, Fra Bartholomeo, e Andréa del Sarto rivalisam entre si em molleza e abandono.

Nem mesmo Raphael se esforçou, na *Ceia* de Florença ou na *Transfiguração* do Vaticano, por exaltar os traços de Christo que nas suas obras não differe das outras personagens.

Para fechar, paremos deante do Christo da *Ceia* de Leonardo de Vinci, que existe no museu Brera, em Milão. Se o pensamento era elevado e muito puro, a forma ficou indecisa; n'esta phisionomia doce, onde parece ler-se a abnegação total, dominam a morbidez e a sentimentalidade. O artista ao exprimir o receio naufragou, dando aos supercilios a linha mediocre, ao nariz a curva arredondada, e aos labios o geito banal...

Finalizando, a critica esthetica confirma os dados da sciencia pura. D'entre as obras esculpturaes e picturaes, o retrato do Santo Sudario não achará o seu mestre, nem o seu similar, nem o seu derivado.

(conclue)

A Batalha

Ao rouco troar da artilheria preparando a lucta, surgem de toda a parte os batalhões marchando com firmeza, para a morte talvez, quem sabe se para a gloria.

Em cadenciado marche-marche dirigem-se resolutos a occupar as posições de combate que lhe foram confiadas e que defenderão palmo a palmo, até cahir inerte o ultimo braço, deixando viuva a carabina, que empunhava. Aqui e alli começa a ouvir-se os estalos eccos e repetidos da fuzilaria.

A galope, cruzam-se constantemente os ajudantes e ordenanças, transmittindo as ultimas ordens do commando para a exacta execução e exito seguro ao plano de batalha.

Nitidamente desenhadas pela fita pardacenta da fumarada, que vae subindo ao céu como, n'um immenso sacrificio o Deus, veem-se nas elevações, pelas vertentes da colina, as linhas extensas dos atiradores.

Os officiaes assestando os binoculos calculam as distancias mandando graduar as alças e precisar as pontarias.

Generalisa-se o combate.

Por entre o troar da artilheria, o fogo á vontade ou por descargas, da infantaria, ouvem-se as vozes do commando e os toques successivos das cornetas que na sua voz metalica e imperiosa mandam avançar á victoria ou á morte.

Na rectaguarda as tropas de reserva anceiam impacientes pelo momento da sua intervenção e a cavallaria, a custo soffrendo os corceis irrequietos, prepara-se para um golpe de mão inesperado e decisivo.

Mais de um valente tem já mordido a terra, pagando á Patria o tributo de sangue que lhe devia.

Mais de um peito esforçado, ferido de morte, por uma d'entre balas sem conta, cae para sempre, lançando um olhar, o ultimo, para a bandeira da Patria que esvoaça como altiva aguia de indomito valor, por sobre as fileiras do batalhão a que a morte vem roubar-o. E n'esse olhar saudoso, n'esse ultimo olhar de magua, o forte que morreu, vê ainda passar diante dos olhos semi cerrados, a mãe, a irmã, talvez a noiva! . . .

A fumarada, elevando-se na atmospheria, esfarrapa se ao sopro da aragem, parecendo pedaços de mortalha immensa de gigantesco cadaver, que a tempestade fizesse redemoinhar nos ares.

De parte a parte a lucta é desesperada. Não se recua um passo, não se cede ao inimigo um palmo de terreno. E' difficil prever para qual dos lados penderá a victoria.

Então retine no espaço o som estridente do clarim, cujas notas claras vibrando pelas quebradas das serras se perdem amortecidas ao longe no silencio do valle.

O toque partido aos lados do commando em chefe e logo repetido nas linhas de atiradores, mandando avançar. Um frémito passa instantaneo pelas fileiras, o entusiasmo, a sêde de sangue, a ancia da polvora, a loucura da victoria, o esquecimento da morte, apoderam-se dos batalhões, que disparam com phrenesi, com raiva, mantendo sempre a disciplina do fogo.

Serenamente, os chefes, animando, encorajando, a espada na mão, trémula pela commoção, indicam ás suas tropas o caminho da honra e da gloria.

As granadas assobiando, cortam o espaço ininterruptamente, levando na garganta d'aço, esbrazeada, dos canhões, a morte, a desmoralisação e o terror ás linhas do inimigo.

Uma impaciencia enorme domina todos os espiritos. Em milhares de peitos os corações batem violentamente, na expectativa do desenlace, tendo deante dos olhos a figura aureolada da victoria e ao lado, companheiro inseparavel, o phantasma esqualido da morte que ameaça arrebatá-lo.

Approxima-se o momento decisivo. Vacila-se um instante. Espera-se sem bem saber o que. Depois augmenta a intensidade do fogo, e os soldados, inconscientemente, como movidos por imperiosa força a que não podem resistir, vão abandonando os primeiros abrigos e avançando lentamente, sem ouvirem sequer os officiaes que lhes dão constantemente a voz de: *Firmes!* . . .

De novo o som estridulo do clarim vem ferir, no meio do estrondear do canhonheio, os ouvidos aturdidos da soldadesca, passando por sobre o campo de batalha, embebido já em generoso sangue de valentes, como um sopro de morte.

Fogo vivo!!! . . .

A marche-marche as reservas veem reforçar a primeira linha de combate que inicia um movimento geral de avanço. Arma-se bayoneta, as cornetas tocam a carregar e ao rufo desesperado dos tambores, os dizimados batalhões lançam-se enthusiasmados ao assalto das trincheiras inimigas.

N'um momento, ao som pesado e cavo das patas dos cavallos embebendo-se no solo, que estremece como sacudido por violenta convulsão subterranea, a cavallaria ao galope, vem, em columna d'esquadrões, descarregar o golpe mortal na épica resistencia do inimigo, e arrancar-lhe das mãos possantes, a palma da victoria.

Espectaculo horrivelmente bello!

Essa tempestade de homens e cavallos, as espadas nuas em que o sol põe scintillações de ouro, despenha-se como formidavel avalanche contra os batalhões contrarios, zombando das catadupas de fogo e ferro que sobre as suas linhas inflexiveis vomita a infantaria adversaria, agora apresentando resoluta e impavida aos seus ataques, como muralhas de homens, as faces de inexpugnavel quadrado.

Varridos pela metralha e pela fuzilaria, cavallos e cavalleiros mergulham para sempre no pó do campo de batalha, deixando enormes clareiras nos bravos esquadrões que, heroicamente, desprezando a vida e esquecendo a morte rompem por fim esse reducto humano de historica valentia!

Os batalhões esfacelados procuram constituir-se de novo, laquear os membros despeçados, fechar esse boqueirão enorme.

Combate-se peito a peito, braço a braço, com desespero, com raiva, com furôr.

Os esquadrões esfrangalhados retiram, organisam-se, carregam de novo, reforçam as fileiras rareadas, e esmagam finalmente sob o peso da espada a dura resistencia do inimigo.

.....
E enquanto pelo campo da batalha agonisam em convulsões desesperadas, mil peitos de valentes, onde ha pouco ainda palpitava um coração, quem sabe! de pae e de esposo, trôa ao longe a voz da artilheria saudando a victoria, e sobem para o céu como uma hosana de gloria os hymnos marciaes do exercito vencedor.

G. H. B.

A morte do Lidador

Trinta fidalgos, flor da cavallaria, corriam á redea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram elles; mas orçavam por trezentos os homens d'armas, escudeiros e pagens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam como frocos de neve, sobre o peitoril da cota de armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Era formoso espectáculo o esvoaçar dos balsões e signas, fóra das suas fundas, e soltos ao vento, o scintillar das cervilheiras, as côres variegadas das cotas, e as ondas de pó, que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como as alevanta o vulcão de Deus, varrendo a face da campina resequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja vae a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se veem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem, tanto quanto os cavalleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alveja ao longe sobre um cavallo murzello. Os corredores christãos volteiam na frente da linha dos cavalleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos mattos, e transpõem-os em breve; entrando pelos cannaviaes dos ribeiros; apparecem, somem-se, tornam a sair ao claro; mas, no meio de tal lidar, apenas se ouve o trote compassado dos ginetes, e o grito monotono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já de mouros; é já além da fronteira. Se olhos de cavalleiros portuguezes soubessem olhar para traz, indo em som de guerra, os que para traz de si os volvessem, a custo enxergariam Beja. Bastos pinhaes começavam já a cobrir mais ondeado territorio, cujos outeirinhos aqui e alli se alteavam suaves. Pelas faces tostadas dos cavalleiros, cobertos de pó, corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as redes de ferro acareladas d'ouro que os defendiam. A um signal do Lidador a cavalgada parou; era necessario repousar, que o sol ia no Zenith e abrazava a terra. Descavalgaram todos á sombra de um azinhal, e, sem desenfrear os ginetes, deixaram os pascor alguma relva, que crescia nas bordas d'um arroio visinho.

Tinha passado meia hora. Por mandado do velho fronteiro de Beja um almogavar montou a cavallo e aproximou-se á redea solta d'uma selva extensa que corria á mão direita. Pouco, porém, correu. Uma frecha despedida dos bosques, sibilou no ar; o almogavar gritou por Jesus; a frecha tinha-se-lhe embebido no lado. O cavallo parou de repente, e elle, erguendo os braços ao ar, com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado atravez das veigas e desapareceu na selva. O almogavar dormia o ultimo somno dos valentes em terra de inimigos, e os cavalleiros da fronteira de Beja viram o seu transe do repousar eterno.

—«A cavallo! a cavallo!» bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinir dos guantes ferreados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, souu unisono, quando todos os cavalleiros cavalgaram d'um pulo; e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Uma grita medonha troou ao mesmo tempo além do pinhal da direita.—«Allah! Almoleimar!»—era o que dizia a grita.

Enfileirados em uma longa linha, os cavalleiros arabes saíram á redea solta de traz da escura selva que os encobria; o seu numero excedia cinco vezes o dos soldados da

Cruz; as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos christãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro, e por grossas cotas de malha do mesmo metal; mas as lanças d'estes eram mais robustas e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gothico-romana iam ainda mais uma vez provar-se com a destreza e com a pericia arabes.

*

Como uma longa fita de muitas côres, recamada de fios d'ouro, e reflectindo ao longe mil accidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavalleiros mouros sobressaia na veiga entre as seáras pallidas que cobriam o campo: defronte d'elles os trinta cavalleiros portuguezes, com trezentos homens d'armas, pagens e escudeiros, cobertos dos seus escuros involtorios, e lanças em riste, esperavam o brado de accommetter. Quem visse aquelle punhado de christãos deante da copia de infieis que os esperavam, diria que, não com brios de cavalleiros, mas com fervor de martyres, se offereciam a desesperado transe. Porém não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a tempera das espadas e lanças portuguezas, e a rijeza dos braços que as meneavam. D'um contra dez devia ser o imminente combate; mas se havia ali algum coração que batesse descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia, ou que taes faces descoravam.

Pouco a pouco a planura que separava as duas hostes tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavallo, como no tórculo se embebe a folha do papel, saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas; o Lidador bradára:—«Santiago!»—e o nome de Allah soára em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terremoto, desabando, não fariam mais ruido, ao bater em pedaços uma contra a outra, que este recontro de infieis e christãos: as lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam d'elles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavalleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falcou as armas, e traspassou o peito com o ferro da sua grossa lança.

Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada, e gritou ao Lidador, que perto d'elle estava:

—«Senhor Gongalo Mendes, alli tendes no peito d'aquelle perro, aberta a sétteira, por onde eu, velha dona assentada á lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcateia de villãos, do cimo da torre de menagem.»

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as ultimas palavras, elle topara em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feitos em pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do Fronteiro de Beja.

Como duas torres de sete seculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavallo; as faces pallidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a immobildade que dá, nos grandes perigos, o habito de os afrontar; mas no rosto de Almoleimar divisavam se todos os signaes d'um valor colerico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversario: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falcou, e a espada desceu, falcando, pelo coxote do mouro, que já desencravará o alfange. Tal foi a primeira saudação dos dois cavalleiros inimigos.

—«Brando é o teu escudo, velho infiel; mas bem temperado é o metal do meu arnez. Veremos agora, se na tua touca de ferro se embotam os fios d'este alfange.»

Isto disse Almoleimar, dando uma risada. E a cemitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador com a mesma violencia, com que bate no fundo do valle penedo desconforme, desprendido do pincaro da montanha.

O Fronteiro vacillou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-hia cahido ao chão, se não estivesse presa ao punho do cavalleiro por uma cadeia de ferro: o ginete, sentindo as redeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si. Uma forte soffreada avisou o ginete de que se senhor não morrera. A' redea solta lá volta o Fronteiro de Beja; escorre-lhe o sangue, en-volto em escuma, pelos boca: traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Similhante aos ventos de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre christãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro: as espadas reluziram no ar: mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de penta no gorjal de Almoleimar, que cedeu á violenta estocada; e o sangue, sahindo ás golfadas, cortou a ultima maldição do agareno.

Mas a espada d'este tambem não errara o golpe: vibra com ancia, colhera pelo hombro esquerdo o velho Fronteiro, e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrá-ra na carne até ao osso; e ainda mais uma vez a mesina ter-ra bebeu nobre sangue godo, misturado com sangue arabe.

—«Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira.»

E dizendo isto, o Lidador caiu amortecido: um dos seus homens d'armas voou a soccorrel-o: mas o ultimo golpe de Almoleimar fôra o brado da sepultura para o Fronteiro de Beja; os ossos do hombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes pendiam-lhe para um e outro lado, involtas nas malhas descosidas do lorigão.

A. HERCULANO.

Sudorifero infallivel

No meu tempo, em Coimbra, para medico,

Estudava um rapaz,

Moço bem comportado, nada cábula,

E bastante sagaz.

N'um acto perguntou-lhe um cathedratico,

Que espremel-o mais quiz:

«Se em tal doença...» (e deu-lhe um nome bellenco

Dos que agente maldiz),

«Quizesse ao seu doente, em abundancia

«Promover-lhe suor,

«Que remedio empregar então, sollicito?

«Diga, faça favor.»

Corre o estudante a escala aos sudoriferos,

Apontando um a um,

E a todos, diz-lhe o lente, com tom rispido,

Sem lhe agradar nenhum:

«Mas se inda não suasse?» Volve ironico

O rapaz singular:

«Mando-o aqui fazer acto, pois de marimore

«Que seja, ha-de suar.»

JOÃO DE LEMOS.

DE TUDO UM POUCO

Julho

■

1903

Faz hoje 483 annos que João Gonçalves Zarco descobriu a ilha da Madeira (1420).

Em 1418, Bartholomeu Perestrelo um dos navegadores do infante D. Henrique, indo em procura do cabo Bojador, descahiu para sudoeste por causa d'uma tempestade, e descobriu terra, a que deu o nome de *Porto Santo*. Veio ao reino trazer a nova ao Infante; e no anno seguinte volta á ilha descoberta, acompanhado por mais dois navios commandados respectivamente por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. Voltaram os dois a Portugal, e Zarco, descortinando no seu rumo um vulto escuro e permanente, para lá se dirige.

Surgiu-lhe na prôa uma grande ilha cheia de velho e frondoso arvored. Passava se isto no dia primeiro de julho de 1420.

Estava, pois, descoberta a ilha da Madeira.

Humorismos:

A' porta d'uma hospedaria via-se uma taboleta, em que se lia: «Aqui falla-se francez, inglez, italiano e allemão.»

Entrou um inglez e disse:

—Faça favor de chamar o interprete.

—Interprete! Isso é coisa que aqui não ha.

—Não ha? Quem falla então as linguas annunciadas na taboleta?

—São os hospedes...

*
O nosso Duarte de Sá era um escriptor que muito bem sabia empregar trocadilhos, (a que os francezes chamam *calembours*).

Um dia que estava lendo a alguns amigos a historia da descoberta da America, interrompeu de repente a leitura, e perguntou:

—Aposto que os senhores não sabem quando, no novo mundo, se comeram bifes pela primeira vez?

—Não, não sabemos. Então quando foi?

—Quando lá chegou Christovão Colombo.

—Como assim?

—Então? Se o Cristovão não apparecesse lá co' o lombo, de que é que se haviam de fazer os bifes?

*
Morreu na America um negro muito rico, deixando a um grande avarento o encargo de ser tutor de seus filhos.

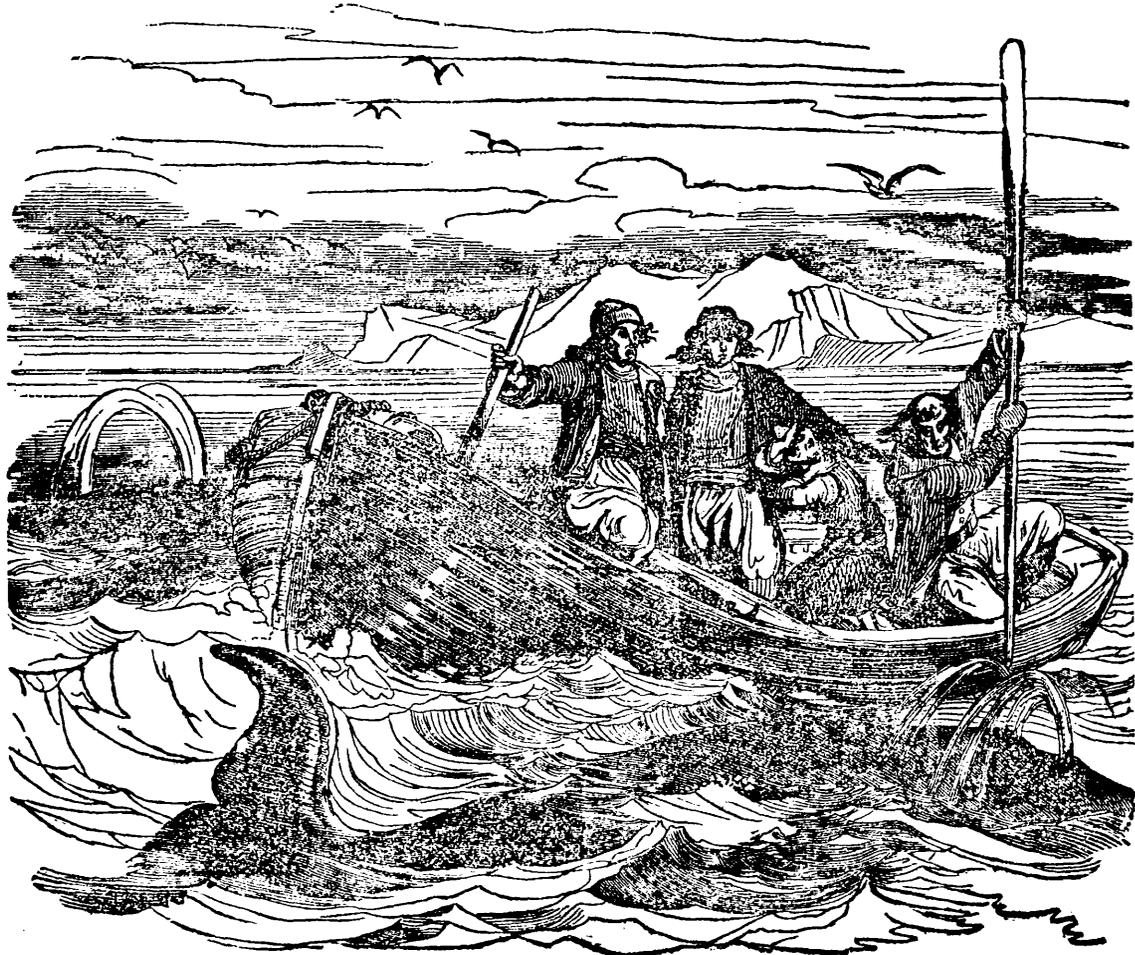
—E' preciso comprar luto, para vestir estas creanças—disseram-lhe.

—Pelo contrario—respondeu o tutor. Para ficarem de luto rigoroso, o que devemos fazer é despir-lhe o fatinho.

Notas scientificas:

M. d'Arsonval, physico francez quiz provar a força electrica d'um gymnoto. Sabe-se que os gymnotos são peixes malacopterygios apodos da familia das enguias, que habitam os rios da America do Norte.

Pois o sabio francez para pôr em evidencia a produção d'electricidade d'estes peixes, demonstrando que um só gymnoto desenvolvia uma força electrica de 2 a 10 ampéres, com uma força electro-motiz de 15 a 20 v. pegou n'uma lampada com a encandescencia de 10 velas, e pol-a em communicação com o orgão electrico d'esse animal, de forma que a corrente estabelecida fosse accionar uma bobina de Ruhmkorff. O resultado foi espantoso. Ao mesmo tempo que foram immediatamente illuminados tubos Geissler, fez-se uma detonação de trinta cartuchos de dynamite.



A pesca da baleia

Notas historicas :

Remonta a escola da mais remota antiguidade. Tem havido escolas, desde que algum homem teve que ensinar alguma coisa aos outros. Os sacerdotes, primeiros depositarios da sciencia, estabeleceram escolas, junto dos santuarios consagrados.

Entre os povos orientaes, indios, egypcios, medos e judeus, eram os sacerdotes os unicos que primitivamente ensinavam. Na antiga Grecia, bem depressa o povo a partihou com os sacerdotes, que apenas reservaram para si os conhecimentos mysticos da iniciação. Em Athenas havia escolas publicas, onde se ensinava ás creanças primeira mente a leitura e a escripta, e depois a grammatica, a musica, a poesia, e a gymnastica. Os mancebos e mesmo os homens adultos iam escutar as lições dos philosophos, dos sophistas e dos rhetoricos.

Em Roma houve, desde a sua fundação, escolas elementares. Já no anno 461 antes de Christo o tribuno Torentillo Arsa pediu *leis escriptas*, prova evidente de que havia na *plebe* pessoas capazes de as lerem. E' certo que até á segunda guerra punica a instrucção se limitou a muito pouco: a leitura do catalogo dos deuses, o conhecimento da lei das doze taboas, e alguns velhos canticos religiosos. Mas desde que Roma conheceu a Grecia, foi logo invadida pelos pedagogos pelos rhetoricos e pelos sophistas. Livio Andronico ensinou rhetorica a Livio Salinator, o vencedor do Metauro. Ennio estabeleceu uma

escola publica sobre o monte Aventino, e depois multiplicaram-se as escolas. No tempo de Cicero e de Cesar, todos os romanos das classes medias sabiam o grego, e os professores das artes liberaes tinham as garantias de cidadãos romanos. No tempo de Vespasiano começaram a ser retribuidos pelo Estado.

Os romanos, comprehendendo que, fazendo amar as letras e as artes aos povos vencidos, os ligariam á sua fortuna, multiplicaram por toda a parte as escolas.

QUESTÃO SOCIAL

Ainda as grèves

A presente *gréve* do Porto, e os seus desastrosos resultados tem mostrado á evidencia como é precaria e pouca pratica a doutrina socialista moderna, que desvaivando os operarios, no ante-goso de delicias imaginarias, os arrasta para o caminho da rebelião e da insensatez.

Como é infeliz essa theoria, que os faz promover *gréves*, arrostando contra tudo e contra todos, sabendo que estão a remar contra a maré, que se prejudicam a si, prejudicando tambem os seus semelhantes! Por muito justos que sejam os motivos que a originem, uma *greve* é sempre má, começando por prejudicar os seus proprios fautores, porque, ainda mesmo que vejam triumphante a sua

pretensão, ficam por algum tempo sem recursos, e só tarde se podem indemnizar dos prejuizos recebidos.

E a *grève* do Porto teve esse pessimo resultado. Se ao menos os operarios tecelões tivessem a previdencia de depositar cem reis semanaes por cabeça e por semana, para a eventualidade d'uma *greve* futura, sabendo de mais a mais que ella se viria a dar, porque sabiam que haviam de reclamar melhora nos salarios, e sabiam que os patrões se oppunham a esse *desideratum*, a coisa corria-lhes melhor, porque escusavam de offerecer o espectáculo de andarem a mendigar pelas praças publicas, e de se verem agora mal alimentados—peor do que estavam—, por a auctoridade ter prohibido as *quêtes* e os peditorios.

E se eram realmente 22:000 os operarios tecelões em *grève* como affirmaram alguns jornaes, podiam ter reservado, d'aquella forma, semanalmente a quantia de 2.200\$000 rs., o que produziria n'um anno, a importante quantia de 114:400\$000 rs., e em 2 annos a de 228:800\$000 rs. Então sim, então já teriam recursos para fazerem uma *grève* mais seria, porque teriam meios de se sustentar por algum tempo, sem carecerem de estender a mão á caridade publica.

Mas não quizeram ter essa providencia. E isso era facil obter-se, porque não ha operario algum, que durante a semana—por muito limitada que seja a sua fêria—, não gaste para seu goso pessoal a quantia de cem reis. E bastaria, para seu proprio interesse, privarem-se d'essa satisfação verdadeiramente ephemera.

Assim vieram para a rua assoalhar a sua miseria, apenas persuadidos de que os proprietarios das fabricas precisavam d'elles, para o aviamento das encomendas, e os mandavam chamar, dando-lhes o augmento exigido, e proporcionando-lhes as restantes exigencias feitas.

E no entretanto iam mendigando. E não se lembraram de que, com esse procedimento se prejudicavam a si proprios, porque por pouco que ganhassem era melhor do que nada, e porque estavam prejudicando os patrões (com o que elles pouco se importavam, porque o seu fim era esse), mas tambem prejudicando o resto dos seus concidadãos que nenhuma culpa tinham em que elles recebessem pouco.

Mas depois foi peor... porque as demais classes, para lhes serem agradaveis, e para melhor conseguirem que as classes *textis* obtivessem o que desejavam, largaram tambem o trabalho, pouco se importando de prejudicar os seus patrões que podiam ter prazos determinados para concluir as obras começadas, e de prejudicarem a sociedade, privando-a de adquirir os fructos do seu trabalho.

Se assim conseguirem o triumpho desejado, voltam ao trabalho—dizem elles, gloriosamente;—mas teem de fazer grandes economias, porque o primeiro dinheiro adquirido ha-de ser-lhes fatalmente necessario para pagarem dividas contrahidas, durante o tempo da *greve*, e só muito tarde poderão reaver o tempo perdido. Mas se nada conseguem? Teem de voltar de cabeça baixa, sentindo os mesmos prejuizos, e sujeitos a serem despedidos pelos proprietarios das officinas em que trabalhavam, porque estes podem dizer que, tendo prescindido das obras encetadas, e não tendo obra determinada a confeccionar, nem freguezia certa, por terem perdido alguns freguezes, se viam obrigados a acceitar um numero limitado de operarios, dispensando os restantes. E onde irão esses, os despedidos, procurar trabalho, dada que seja semelhante crise?

E quem os indemnisa da contingencia de serem presos? Mas o mal não foi só d'aqui.

Ja provem de França e da Hespanha. Em Jerez foi declarada a *greve* geral desde o meado da quinzena finda, e em Barcellona deu-se o mesmo facto no dia 24.

Quando aqui terminava o movimento, augmentava el-

le em Hespanha. Por isso se aventaram varias opiniões, qual d'ellas mais curiosa, qual d'ellas mais disparatada, ácerca dos motivos que deram origem á *grève* portuense, e que conseguiram dar-lhe impulso e subsistencia.

Disse-se que os operarios francezes haviam feito um syndicato para obterem subscripções que favorecessem os nossos operarios. Disse-se que os proprietarios das fabricas lisbonenses de fição e tecidos haviam suscitado e sustentavam esta *greve* para obrigarem os industriaes d'aqui a fazerem causa commum com elles, afim de se formar um *trust* ou monopolio da secção textil. E muitas mais supposições se aventaram, porque causou impressão geral que os operarios largassem o trabalho só para serem agradaveis aos seus *companheros textis*, e ficassem sem nada receber. Outro facto deu na vista, e ficou ainda sem explicação, foi o facto dos operarios pagarem os generos nas suas lojas a prompto pagamento, e, tendo a policia indagado nas casas penhoristas, se havia alguns penhores das classes laboriosas, ali lhe responderam que nada havia sido empenhado.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

Catharina II da Russia

Esta imperatriz, esposa de Pedro III, reinou só, por morte do marido, desde 1763 até 1796. As suas guerras, os seus simulacros de reformas, a protecção que concedeu ás letras, ás sciencias e á philosophia, e a suas tendencias diplomaticas, contribuíram para fazer esquecer as suas violencias, o seu despotismo e a sua depravação.

A pesca da baleia

E' curiosa e não destituída de perigos a pesca da baleia, nos mares polares. Segue um navio para a pesca. Na proximidade dos logares, em que abundam estes cetaceos, como são, por exemplo, nas costas da Groenlandia e no oceano glacial arctico ao norte da Noruega, fundeiam os navios. Depois largam botes ao mar, os quaes convenientemente tripulados, levando os marinheiros fortes arpões de ferro, arpoam as baleias, que depois rebocam para junto d'uma praia. Ahi são mortas, desfeitas, e derretidas em grandes caldeirões para depois destilarem um oleo muito apreciado na industria, para mui variados usos.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Continuou a *grève* dos tecelões, que depois, por solidiedade se estendeu ás demais classes, tendo adherido os fiandeiros, os sapateiros, os chapelheiros, os moageiros, os cigarreiros, os pedreiros, os surradores, os serralheiros, os ferreiros e os refinadores d'assucar. Houve muitas prisões de homens e mulheres, permanecendo os primeiros no cruzador «D. Amelia» e na corveta «Estephania» e as ultimas no aljube. Afinal graças á intervenção dos delegados que vieram de Lisboa e á coadjuvação das auctoridades, tudo terminou em bem, havendo um meio termo entre as exigencias dos grevistas e as concessões dos proprietarios.

—Passaram, sem grande ruido, os festejos a Santo Antonio a S. João e a S. Pedro, mesmo porque a crise

que atravessamos não deu grandes ensejos a contentamentos populares e a manifestações de regosijo.

—Depois de termos, no nosso numero passado accusado a recepção do relatorio da gerencia da Real Officina de S. José no Porto, não podemos deixar de dizer algumas palavras ácerca d'essa publicação.

Consta o livro apenas de 28 paginas, mas trata de diferentes assumptos, referentes áquella casa de caridade, como são: Officinas (sapateiro, alfaiate, encadernador, marceneiro, e typographia), com as respectivas receitas e despezas; galeria dos bemfeitores, tanto vivos como fallecidos; suffragios; obras; ultima aspiração, e legados ainda não liquidados. Adorna-se essa obra com 4 phototypias sendo a 1.^a a fachada do edificio da officina, a 2.^a o recreio interior dos educandos; a 3.^a a escada armada em cimento, e a 4.^a a capella publica no interior.

Traz alem d'isso dois mappas elucidativos, sendo o 1.^o a despeza e receita, e o 2.^o o capital da officina. Por elles se vê que a despeza em 1902 foi de 7:454\$250 reis e a receita, (com o saldo das officinas) de 9:653\$539 reis, o que dava um saldo liquido de 2:199\$289 reis; mas como do anno de 1901 vinha um *deficit* de 4:913\$414, segue-se que ficou ainda para 1903 um *deficit* de 2:714\$125 reis.

Quanto ao capital da officina, vê-se que as diferentes inscripções e acções que possui, representam um capital nominal de 72:980\$000 reis, que (com a deducção de 30 p. c.) tem um rendimento liquido de 4:603\$190 reis. Mas como o governo subsidia a officina com 400\$000 reis e na deducção ha uma indemnisação de 120\$000 reis, segue-se que ha um rendimento total de 2:123\$190 reis.

Nota-se que a obra é de luxo, é bom o papel e a impressão pouco ou nada deixa a desejar.

Exterior

Continuou a imprensa a occupar-se da doença de Sua Santidade.

Não faltaram jornaes que o dessem por fallecido, contentando-se outros por certo mais sensatos e menos revolucionarios em dal-o muito doente, quasi moribundo, dando-lhe apenas uma semana de existencia. Passou-se isso na primeira metade da quinzena finda.

Depois cançados d'essa tactica que se ia prolongando indefinidamente, sem credito para a sua propaganda, antes com demasiado prejuizo, pois que desastrosamente iam mostrando o seu jogo, publicam no domingo 21 do mez findo o seguinte telegramma:

Pariz, 20—«Dizem de Roma que o Papa esteve de cama durante todo o dia de hontem.»

Ora se Sua Santidade esteve de cama na sexta feira todo o dia, e se isso merece menção especial, é claro que esteve de pé os dias anteriores. Não seria esse facto que deve-se causar estranheza a quem se dizia que estava com os pés e pernas inchadas, e já quasi moribundo. Mas ha mais e melhor. Os jornaes que publicavam esse telegramma, no dia 21, publicavam igualmente este, da Agencia Ilyavas, que como sabem é segura no que diz:

Roma 20.—«O Papa gosa de excellente saude. Deu hoje varias audiencias.»

Entendam-nos lá.

—Um facto sensacional que repercutiu por toda a Europa foi o assassinato do rei da Servia, Alexandre I, e de sua esposa a rainha Draga. Tem sido descripto por varias formas esse facto horroroso, e nós vamos referir-nos ás ultimas noticias, que trazem a descripção, segundo uma testemunha occular.

O rei e a rainha, embora andassem sobressaltados com os boatos que corriam insistentemente, recolheram-se ao

seu quarto, no dia 9 como era costume todas as noites. Apenas por precaução fecharam-se por dentro, fazendo uma especie de barricada com os moveis.

Os conjurados entraram no paço, tendo levado consigo um ajudante de campo do rei, para os guiar, aliraram uma bomba de dinamite, que estilhaçou espelhos e vidraças, e arrombou a porta do aposento regio. Viram tudo ás escuras. Quando se julgavam perdidos, temendo se malograsse a tentativa, ouviram gritar a rainha «Socorro! Querem matar o rei!» Precipitaram-se em direitura á alcova, e dispararam ao mesmo tempo sobre o rei e a rainha, que se conservavam abraçados a um dos cantos.

Nem o rei fugiu para o telhado, como se contou a principio, nem houve alocações. O que depois se passou foi horrivel. Mataram todos os ministros, e recolheram os corpos dos monarchas, apenas involtos em lençoes.

Está aclamado rei o principe Pedro Karageorgevitch, que de Genebra se dirigiu a Belgrano, para assumir as suas regias funcções.

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

Por estas considerações escudadas com a opinião autorizada do citado philosopho, julgo, portanto, podermos, assentar, que á philosophia não repugna, antes tem como muito provavel, a possibilidade da união da alma humana com outro corpo.

Vejamos agora se esta hypothese está de accordo com a doutrina revelada, e qual a força, que da mesma recebe.

Pelo que fica dito no capitulo antecedente relativamente á immortalidade do homem no seu estado primitivo, já em face da Escriptura se pôde affirmar, que o corpo do homem antes da transgressão da lei ou do preceito, era differente do que hoje possui. Com effeito, senão fôra a transgressão, o homem não morreria. Assim o crê a Egreja; mas a immortalidade é incompativel com a actual organização do homem, logo esse corpo antes da transgressão devia ser incorruptivel, e em consequencia muito differente do corpo de carne.

Procedamos, porém, a uma analyse mais minuciosa da escriptura, que em muitos logares me parece reforçar esta ideia sublime, e sobremaneira consoladora, porque levanta o homem da condição abjecta de animal, em que vive na terra, causa proxima das suas miserias.

Começamos pelo Genesis:

«Formou pois o Senhor Deus ao homem do barro da terra—*de limo terrae*—e inspirou no seu rosto um assopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente.» (13,7).

Quererá isto dizer que Deus fez um homem de barro, e que depois o transformou em carne? Parece-me grosseiro de mais semelhante intelligencia para ser admittida. Este modo de exprimir é evidentemente figurado. Sabem os que tem alguma pratica de leitura de escriptura com que frequencia é n'ella usada a elocução figurada.

Que dará então a entender a expressão—*de limo terrae*?—Em primeiro logar direi que o substantivo latino *limus* não significa barro, nem é empregado n'outros logares da escriptura, em que tem logar esta significação. Os nomes empregados n'este sentido são—*humus, lutus e terra*, como se vê no Genesis... «*producat terra animam viventem in genere suo*» (1,24) e «*Produxitque Dominus*

Deus de humo omne lignum pulchrum visu... (13,9); e se pôde ser tambem em—sabedoria XV,7);—Isaias XLI, 25—XLV, 9—LVII, 20;—Jeremias XVIII, 6,—S. Paulo, Epist. aos Rom., IX, 2;—e talvez em outras. O emprego, pois da palavra *limus* para significar a materia do corpo do homem, assim como o não emprego d'essa palavra, quando se trata de barro ou de terra, auctorisa-nos já a suppor, que a sua significação, ou antes o sentido em que é empregada é muito differente. A significação propria de *limus* é lodo ou sedimento. Ora, sedimento é o que se deposita na parte interior de uma massa liquida, e sobre o qual este assenta. Esta ideia pela ligação, que tem com o que o philosopho ha pouco ditado emite sobre a palavra substancia, suggere-me o pensamento de a applicar á intelligencia d'este texto. Diz elle:

«A palavra—substancia, — *sub-stancia* — indica alguma cousa, que está *sub stat*, que é o sujeito sobre o qual estão outras cousas; assim como seu correlativo accidente ou modificação exprime alguma cousa, que subcreve ao sujeito, *accidit*, alguma cousa que modifica, que está n'elle como uma maneira de ser, *modus*, etc., (1)

Segundo as ideias d'este insigne philosopho, as quaes em seguida desenvolve extensamente, substancia material é o que permanece, e que serve de base ou fundamento no que é transitorio. Ora, se na materia ha alguma cousa em taes condições, isso mesmo é que devia formar o corpo do homem, porque essa causa é que reúne as condições de incorruptibilidade e por consequencia de immortalidade; pois que a corrupção ou morte, só pôde ter logar no que é mudavel. Segundo, portanto, este modo de ver *de limo terrae* não quererá dizer—*da substancia da terra*.—ou da mesma substancia, de que foi feita a terra ou da substancia material? Qualquer que fosse a natureza d'essa substancia, parece-me que não erra quem assim disser. Alem do que, se assim não fosse, é de supôr que o historiador sagrado diria simplesmente *de terra, de humo ou de luto*, e não empregaria dois substantivos, que de certo querem dizer mais alguma coisa. Na verdade, pois tudo o que fica dito parece que é materia na sua maior simplicidade, ou no seu estado mais elementar é que podia formar o corpo do homem naquellas condições, em que a razão de accordo com a fé nos indicam, que elle foi oriado; em favôr do que militam outras considerações, que, porque pertencem ao assumpto do capitulo seguinte, não são n'este logar expostas (2); proseguindo na analyse do que na Escripura tem relação com o d'este, e dando em seguida logar ao notavel texto da 1.ª Epistola de S. Paulo aos Corinthios, que é como segue:

«Eis aqui vos digo um mysterio: Todos certamente resuscitaremos, mas nem todos seremos mudados.

Num momento, num abrir e fechar d'olhos, ao som da ultima trombeta; porque uma trombeta soará, e os mortos resuscitarão incorruptiveis, e nós outros seremos mudados.

Porque importa que este corpo corruptivel se revista de incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista de immortalidade.

E quando este corpo mortal se revêstir de immortalidade, então se cumprirá a palavra, que está escripta:

(1) Obra citada 1.º IX, capitulo 1.º e seguintes.

(2) Não posso deixar de dizer, que se me afigura apresentar a sciencia contra este modo de encarar estas coisas uma objecção, que devo reputar de muito valor, e é: que a materia no seu estado mais elementar deve ser inorganica, e que se não concebe a união da alma humana a um corpo de similhante natureza. A isso respondo simplesmente, que a sciencia conhece a materia no seu estado elementar tanto como eu, e por isso, com tal objecção nada desfaz.

O que me parece é, que a mat-ria elementar deve ser uma coisa muito differente d'aquillo o que a sciencia chama elementos.

Tragada foi a morte na (Isaias XIII, 14)—(XV, 51—54)»

O Propheta Daniel tinha tambem dito:

E toda esta multidão dos que dormem no pó da 'erra acordarão; uns para a vida eterna, e outros para um opprobrio, que ell's teem sempre diante dos olhos.

«Ora aquelles, que tiverem sido doutos, esses resplandecerão como os fogos do firmamento: e os que tiveram ensinado a muitos o caminho da justiça, esses lusirão como as estrellas por toda a eternidade (XII, 2 e 3).»

E' portanto segundo esta doutrina de fé, que depois da resurreição o nosso corpo ha de ser mudado, tornando-se de corruptivel e mortal em incorruptivel e immortel: logo eis segundo a fé perfeitamente provada a possibilidade da união da nossa alma com outro corpo.

Mas esse corpo seria o primitivo corpo do homem? Vamos a ver. Diz o livro da Sabedoria:

«Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canival discorrerão (III, 7).»

Nosso Senhor Jesus Christo tambem disse:

«Então resplandecerão os justos como o sol no reino de seu Pae (4).»

N'estas passagens se prova não só o brilho ou claridade do corpo dos justos, mas tambem a agilidade, ao que o cathecismo accrescenta como dotes do corpo glorioso a subtilidade e a impossibilidade. Ora, se taes são as qualidades do corpo dos justos, sendo o homem creado no estado de justiça, tal devia ser tambem a natureza do seu corpo. Esta hypothese é reforçada por outras passagens da Escripura, que vou expor:

«Sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado juntamente com Elle (Nosso Senhor Jesus Christo), para que seja destruido o corpo do peccado, e não sirva mais jamais ao peccado. (2)»

Ora, se o corpo com que o homem vive na terra é o corpo do peccado, claro é que antes de peccar seu corpo era outro.

«Portanto querendo eu fazer o bem acho a lei, de que o mal reside em mim: porque eu me deleito na lei de Deus, segundo o homem interior; mas sinto nos meus membros outra lei, que repugna á lei do meu espirito, e que me faz captivo da lei do peccado, que está nos meus membros.

Infeliz homem eu, quem me livrará do corpo d'esta morte?

«A Graça de Deus por Jesus Christo Nosso Senhor: Assim que eu mesmo sirvo a lei, segundo o espirito, e sirvo a lei do peccado segundo a carne. (3)»

Alem de ter tambem applicação a esta passagem a mesma consideração da antecedente, ha mais, e é: que se a lei da causa repugna á lei do espirito segue-se: que a união da causa com o espirito é uma imperfeição, e como tal não pode ser obra de Deus; mas sim uma alteração da obra de Deus por culpa do homem, pelo que a lei da carne é para elle a lei do peccado.

«Agora pois nada de condemnação tem os que estão em Jesus Christo, os quaes não andam segundo a causa.

«Porque a lei do espirito de vida em Jesus Christo me livrou da lei do peccado e da morte.

«Porquanio o que era impossivel á lei em razão de que se achava debilitada pela causa, enviando Deus a seu Filho em similhança da carne do peccado, ainda do peccado condemnou ao peccado na carne. (4)»

Se o andar segundo a carne nos torna reos de con-

(1) S. Math. XIII, 43.

(2) S. Paulo. Epist. aos Rom. V. 2, 6.

(3) Mesma Epist. VII, 21 e 25.

(4) Mesma Epist. VIII, 1 e 3.

demnação, segue-se: 1.º, que a união da alma com a carne não foi a primitiva, porque Deus não havia de condemnar o homem logo que o creou, e antes de se tornar culpado; e nem a carne, sendo o corpo primitivo, aquelle com que o homem foi creado, mereceria tal condemnação e reprovação: 2.º, que essa união foi posterior á culpa e consequencia d'ella.

«Porque sabemos que a nossa casa terrestre d'esta morada (o corpo) por desfeita; temos de Deus um edificio (outro corpo), casa não feita por mãos, que durará sempre nos ceos».

Porque tambem os que estamos n'este tabernaculo (neste corpo), gememos carregados: não que desejemos ser despojados d'elle, mas ser revestidos por cima, de sorte que o que ha em nós de mortal seja absorvido pela vida.

Mas o que nos fez para isto mesmo é Deus, que nos deu o penhor do espirito.

Por isso vivemos sempre confiados sabendo, que em quanto estamos no corpo, vivemos ausente do Senhor (poisque andamos por fé e não por visão).

Mas temos confiança, e anciosos queremos ausentarnos do corpo, e estar presentes ao Senhor. (1)»

Diz o Apostolo, que Deus nos fez para a vida immortal, e que o penhor que d'isso temos, é o espirito. Segue-se pois, que assim devia o homem ter sido creado, e com um corpo apropriado a essa vida; o que se torna evidente pelo que diz nos versos septimo e oitavo: que neste, ou com este corpo não temos visão, ou intuição, de Deus, mas que com outro o teremos.

Ora, o homem com o corpo primitivo tinha intuição de Deus, logo no outro.

Digo-vos pois: Andai segundo o espirito, e não cumprireis os desejos da carne.

Porque a carne deseja contra o espirito, e o espirito centra a carne: porque estas coisas são contrarias entre si; para que não façais todas aquellas cousas, que quereis.» (2)

Podia pois o homem ser creado em taes condições, e gosar uma vida de felicidades?

«Renovai-vos pois no espirito do vosso entendimento (*spiritu mentis vestrae*), e vesti-vos do homem novo, que foi creado segundo Deus em justiça e em santidade de verdade (3).»

Logo o homem não foi creado nas condições em que vive na terra, e a differença era no corpo, porque a natureza do espirito não muda, como é expresso no primeiro verso d'esta citação, que talvez fosse melhor traduzido do seguinte modo:—Segundo o espirito de vossa alma, ou segundo a natureza do vosso espirito.

Mas a nossa conversação está nos ceus, d'onde tambem esperamos ao Salvador, Nosso Senhor Jesus Christo; o qual reformará o nosso corpo abatido, para o fazer conforme ao seu corpo glorioso, segundo a operação, com que tambem pode sujeitar a si todas as coisas (4).»

D'aqui colhe-se não a possibilidade da união da alma com outro corpo, mas a certeza d'essa união.

Outras citações dos sagrados textos poderia apresentar; mas ellas não provam mais do que o que fica sufficientemente provado com os que aqui deixo transcriptos; nem mais julgo necessario para de todo o exposto a razão, d'accordo com a mais sã philosophia, e apoiada na fé, poder concluir: 1.º, a possibilidade da união da alma humana com outro corpo: 2.º, a probabilidade, senão a certeza,

de ter sido o homem creado com um corpo differente do actual.

CAPITULO III

Habitação Primitiva do Homem

Qual foi a região em que Deus collocou o homem, quando o creou?

Esta questão deriva logicamente das que constituem o assumpto dos dois capitulos precedentes. Com effeito, se foi creado em condições differentes d'aquelles em que vive na terra; se a um corpo differente tambem foi unida sua alma, seria a terra a região, em que elle foi collocado?

Passemos a ver o que a razão parece mais conforme com a natureza das cousas, e cotejemo-lo com os ensinamentos da fé, unica directora e guia segura da mesma.

Tudo foi destinado para um fim; assim o mostra a observação attenta da natureza; tudo pára n'um certo limite.

Reunem-se os atomos para constituirem as moleculas, e estas moleculas são sempre certas e determinadas; combinam-se as moleculas simples para formarem as compostas; e essas combinações fazem-se sempre em determinadas proporções, e dão sempre o mesmo resultado.

Passa-se do reino inorganico para o organico, e vê-se que os principios constituintes dos corpos organisados não variam; invariaveis são tambem os typos d'esses corpos caminhando numa escala de uma gradação admiravel, em que a organização de simplicissima vai sendo cada vez mais complicada até parar no typo, que reúne a maior complicação, que parece a terra composta.

Depois a terra! Este mole tem tambem um limite, que não transpõe, porque assim o exige o bem para que foi destinado. Mas o fim não está ainda aqui; alem da terra existe muito, e muito! Aqui termina uma escala, mas em seguida começa outra, e outra, e outra... Onde será o fim?
(Continua).

PUBLICAÇÕES

Biblia Sagrada—Recebemos e agradecemos o n.º 91 d'esta utilissima publicação, vertida pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, e que se publica com toda a regularidade. Vem este fasciculo adornado com duas bellas gravuras: «Os servos de Ezequias entregando a mensagem do rei da Assyria, e a Planície de Babilonia».

Assigna-se na Rua Augusta n.º 95—Lisboa.

EXPEDIENTE

Continua ainda doente, poucas melhoras tendo tido, o proprietario d'este jornal, e é devido a esse facto que ainda ha irregularidades na respectiva publicação. Tudo isso cessará, podendo elle responder mais desafogadamente ás cartas que tem recebido, logo que se restabeleça.

Lembramos de novo aos nossos assignantes, que não deixem nunca de mencionar os numeros das listas colladas nas capas dos jornaes, todas as vezes que tenham de fazer reclamações que se prendam com a administração do PROGRESSO CATHOLICO.

PROGRESSO CATHOLICO

Compram se os n.ºs 1, 11, 15, 16 e 19 do setimo anno d'esta Revista.

(1) 2.ª Epist. aos Corinth. V, 3 e 8.

(2) Epist. aos Galat. V, 16 e 17.

(3) Epist. aos Ef. s. IV, 23 e 24.

(4) Epist. aos Filip. III, 20 e 21

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada

com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

| | |
|--|----------|
| Em percalina | 300 reis |
| Em carneira com folhas douradas. | 500 |
| Em chagrin, douradas | 15000 |

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. 400 reis

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

| | |
|----------------------|----------|
| 1 vol., enc. | 250 reis |
| Douradas | 500 |

Cartas Encylicas de Sua Santidade Leão XIII—5 vol. Broch. 25300. Enc. 35000

Vieira-Prégador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral 2 vol. broch. 25000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

O postolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Vida Popular de S. João de Deus, Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Cabecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 15000 réis. Um exemplar. 20

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 40

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 40

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encylica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 40

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Snr. Padre Manuel Marinho — Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 250

Defesa da creença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 550

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do bom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Ex.^{mo} Snr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espirital dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Sars Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

Tudo por Jesus ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia — Obra traduzida do inguez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Vida popular de S. Vicente de Paulo — pelo Padre Berthier, conego honorario de Bordeus e Arcypreste de Lígorno—traduzida do francez, por M. Fonseca — Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 400

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74 — PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,

Industrial de Lisboa de 1888

e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuquezas.